



## CONSTRUIR

**N**este número damos conta de algumas das iniciativas de mecenato e filantropia de que a Universidade de Lisboa tem sido beneficiária. Mesmo se comparativamente raras, estas iniciativas têm vindo a crescer, e são da responsabilidade não apenas de fundações ou outras instituições privadas, mas de indivíduos singulares ou organizações cujo fim maior não é o mecenato, mas que, todavia, o praticam.

Damos também a conhecer com um pouco mais de detalhe a progressiva implementação de uma das grandes prioridades do programa reitoral, a criação de residências universitárias que ajudem a suprir a falta na cidade de Lisboa de alojamento acessível a estudantes. Breves entrevistas com alguns dos estudantes bolsheiros da Universidade tornam mais evidente a natureza das dificuldades por eles encontradas. Como esta prioridade se irá materializar ao longo do recentemente iniciado mandato do Reitor, iremos, em futuros números, dar a conhecer os sucessivos passos da sua implementação.

Proseguimos a secção iniciada no último número, «E assim sucessivamente», de entrevistas a antigos alunos da Universidade cuja experiência e opinião nos parece poder interessar aos leitores da comunidade académica, em particular aos seus alunos, antigos e atuais, por razões naturalmente diversas e, no entanto, afins. E iniciamos uma breve secção em que um reconhecido investigador de um domínio científico dado sintetiza, de modo acessível, o estado do saber sobre uma questão de importância pública. •

# ÍNDICE



1 **Editorial**

2 **Índice**

**Notícias**

3 Aconteceu

5 Vai acontecer

6 **Sobre**

Estatinas, por António Vaz Carneiro

7 **4 Coisas**

Ana Maduro

8 **Manuel Aires Mateus**

«Gosto de ensinar porque é uma ótima forma de aprender.»

12 **Uma casa na Universidade**

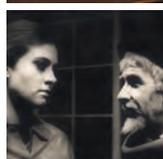
As residências para estudantes dos SASULisboa

18 **Mecenato na ULisboa**

Ana Zanatti

Ana Sofia Sampaio

António Coutinho



## FICHA TÉCNICA

Edição e propriedade: **Universidade de Lisboa** · Área de Arquivo, Documentação e Publicações

Diretor: **António M. Feijó** | Coordenação executiva e produção: **Ana Silva Rigueiro**

Redação e comunicação: **Ana Cláudia Santos** e **Helena Carneiro**

Fotografias: **CVDB Arquitectos**, **Duarte Pinheiro**, **José Furtado**

Capa: Projeto da Residência Universitária do Polo da Ajuda – corte transversal (CVDB Arquitectos)

Verso de capa: Projeto da Residência Universitária do Polo da Ajuda – imagem exterior (CVDB Arquitectos)

Contracapa: Frontispício *Riscos de alguns mamais, aves e vermes do Real Museu de Nossa Senhora d'Ajuda*,

**Manuel Tavares da Fonseca** (post. 1785). Universidade de Lisboa, Arquivo Histórico MUL-MUHNAC,

PT-MUL-RMJBA-TC-02-0001

Design: **A Bunch of Susans**

Periodicidade: **março, maio, outubro e dezembro** | Assinaturas e distribuição: [imprensa@reitoria.ulisboa.pt](mailto:imprensa@reitoria.ulisboa.pt)

Impressão: **Manuel Barbosa & Filhos, Lda.** | Tiragem: **10.000 exemplares**

Depósito legal: **418564/16** | ISSN: **2183-8844**

Contactos gerais: **Imprensa da Universidade de Lisboa**

Alameda da Universidade · Cidade Universitária · 1649-004 Lisboa · Portugal

Tel.: +351 217 904 750 - Ext. 19 750 | E-mail: [imprensa@reitoria.ulisboa.pt](mailto:imprensa@reitoria.ulisboa.pt)

Distribuição Gratuita

**IUI**  
IMPRESA  
DA UNIVERSIDADE  
DE LISBOA



© FMUL

## Homenagem a João Lobo Antunes

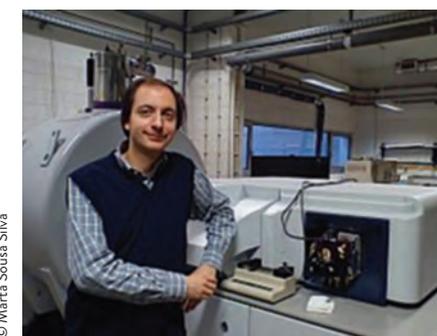
No passado dia 2 de novembro, realizou-se no Auditório do Edifício Egas Moniz, da Faculdade de Medicina (FMUL), uma homenagem a João Lobo Antunes, falecido em outubro de 2016. Estiveram presentes amigos, familiares, professores e alunos, incluindo Ramalho Eanes, Jorge Sampaio e

Aníbal Cavaco Silva. A cerimónia foi conduzida pelo Prof. Fausto Pinto, presidente da FMUL, e contou com vários testemunhos. No final, foi descerrada a placa de atribuição do nome de João Lobo Antunes ao Instituto de Medicina Molecular (iMM) e ao Grande Auditório do Edifício Egas Moniz.

## Espectrometria de massa Faculdade de Ciências

O Prof. Carlos Cordeiro, do Departamento de Química e Bioquímica (DQB) da Faculdade de Ciências, e responsável pelo Laboratório de FT-ICR e Espectrometria de Massa Estrutural da RNEM (Rede Nacional de Espectrometria de Massa), lidera a equipa portuguesa de um consórcio europeu que vai receber cinco milhões de euros para desenvolver, entre 2018 e 2021, a mais avançada tecnologia nesse domínio. O consórcio reúne dez universidades europeias e três parceiros industriais, e o financiamento foi recentemente aprovado pelo programa Horizonte 2020. Enquanto técnica analítica, a espectrometria de massa permite determinar a composição elementar de moléculas e proceder à sua identificação em misturas complexas e em quantidades vestigiais.

Carlos Cordeiro num dos laboratórios da RNEM (campus de Ciências)



© Marisa Sousa Silva



## Signos da Noite Festival Internacional de Cinema

Este festival de cinema independente tem sede em Paris, mas todos os anos a sua programação circula por cidades de mais de 30 países. Entre 23 de novembro e 3 de dezembro, na sua 15.ª edição, apresentou sessões nos auditórios do Caleidoscópio e da Cantina Velha da ULisboa, no espaço cultural Rua das Gaivotas 6 e no espaço do núcleo de cinema documental Kino-Doc. O Festival é constituído por secções competitivas – Documentários, Curtas-metragens e Cinema em Transgressão – de filmes de diferentes nacionalidades, programas temáticos e sessões noturnas. Este ano, contou com uma sessão especial organizada em parceria com a Conferência Internacional «Movement as Immobility – A Conference on Film and Christianity», com o convidado José Tolentino Mendonça.

## Adelaide Fernandes Prémio Internacional de Inovação em Esclerose Múltipla

A professora do Departamento de Bioquímica e Biologia Humana da Faculdade de Farmácia, e Investigadora do Instituto de Investigação do Medicamento, foi distinguida a 26 de outubro com o Grant for Multiple Sclerosis Innovation (GMSI), atribuído pela empresa Merck KGaA. O projeto liderado por Adelaide Fernandes, «Targeting multiple sclerosis immune- and psycho-pathophysiology by modulation of neuroinflammation», foi premiado com 60.000€ e visa encontrar uma nova estratégia terapêutica que diminua a incapacidade física dos doentes com esclerose múltipla e alivie os sintomas psiquiátricos associados. O estudo será desenvolvido em colaboração com o clínico João Cerqueira (Hospital de Braga / Universidade do Minho / Grupo de Estudos de Esclerose Múltipla).

Adelaide Fernandes



© Merck KGaA



© Divisão de Relações Externas - Núcleo de Imagem, Comunicação e Relações Externas da FLUL

## A FLUL vai à escola

Nos meses de outubro e novembro, a Faculdade de Letras (FLUL) marcou presença em Feiras de Orientação Vocacional de várias escolas secundárias do país, nomeadamente na ilha da Madeira, Alentejo e Algarve. Entre os dias 30 e 31 de outubro, a FLUL participou pela primeira vez no Projeto Yorn Inspiring Future, através do qual deu a conhecer a sua oferta formativa às quatro maiores escolas secundárias da ilha da Madeira. Em novembro, nos dias 6 e 7, esteve presente em Beja e Évora, e, nos dias 27 e 29, em Faro, Silves, Loulé e Portimão.

## Homenagem a Mariano Gago

A Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico (AEIST) e o Conselho de Gestão do IST promoveram uma sessão de homenagem ao Prof. José Mariano Gago, que decorreu a 2 de novembro, no Salão Nobre do Técnico. A cerimónia constituiu também ocasião para assinalar o contrato de incorporação da documentação histórica do arquivo da AEIST no arquivo do Técnico, sendo divulgada a programação

## Tiago Martins Oliveira Sistema de Gestão Integrada de Fogos Rurais

Tiago Martins Oliveira, investigador do Centro de Estudos Florestais (CEF) do Instituto Superior de Agronomia (ISA), onde se doutorou em Engenharia Florestal e de Recursos Naturais, foi nomeado pelo primeiro-ministro para presidir à Estrutura de Missão para a instalação do Sistema de Gestão Integrada de Fogos Rurais. Um dos principais objetivos deste organismo é

a preparação e execução das recomendações que constam do Relatório da Comissão Técnica Independente, que permitirá trabalhar na prevenção e combate aos incêndios. Tiago Oliveira será também responsável pela instalação e monitorização inicial da Agência para a Gestão Integrada de Fogos Rurais (AGIF), que entrará em funcionamento em 2018.

## Alumni Económicas Solidária do ISEG

No passado dia 7 de dezembro, a Associação dos Antigos Alunos do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) organizou um jantar de angariação de fundos para os alunos do 1.º ciclo de estudos do ISEG que se encontram em dificuldades financeiras. É a quinta vez que esta iniciativa tem lugar,

dentro do âmbito do Programa *Alumni Económicas Solidário*. Os fundos revertem para o pagamento de alimentação, transporte, material escolar e propinas. Além dos antigos alunos, professores e colaboradores do ISEG, também empresas têm contribuído financeiramente para esta causa.



© Alumni Económicas



© Débora Rodrigues / Técnico

que, ao longo deste ano letivo, evocará o Movimento Estudantil do Técnico entre 1966 e 1974. Foi ainda apresentada a Bolsa Mariano Gago, que apoiará um aluno do 1.º ano, em primeira matrícula, que não tenha obtido uma bolsa de ação social.

Arlindo Oliveira, presidente do IST; João Silva, presidente da AEIST; António Cruz Serra, Reitor da ULisboa; Duarte Soares, Coord. Política Educativa AEIST; José Pacheco Pereira

## i-PROGNOSIS

O i-PROGNOSIS é um projeto de investigação europeu Horizonte 2020, que tem como objetivo contribuir para um diagnóstico precoce da doença de Parkinson, promovendo o desenvolvimento de intervenções que melhoram a qualidade de vida do paciente. A Faculdade de Motricidade Humana (FMH) é uma das onze organizações de seis países da União Europeia (Grécia, Bélgica, Alemanha, Portugal, Suécia e Reino Unido) que integram o projeto. Combinando tecnologia e soluções inovadoras na área da saúde, o i-PROGNOSIS trabalha com base na análise de dados com-

portamentais recolhidos durante a interação diária dos utilizadores com dispositivos inteligentes, como *smartphones* ou *smartwatches*. Foi recentemente desenvolvida a aplicação móvel iPrognosis, que permitirá que voluntários, com ou sem a doença de Parkinson, forneçam dados para a investigação. José Mourinho, *alumnus* da FMH, é o mais recente embaixador do projeto, que tem contado com a participação do Prof. José Alves Diniz e da pós-doutoranda Sofia Balula Dias.

**Mais informações:** [www.i-prognosis.eu](http://www.i-prognosis.eu)

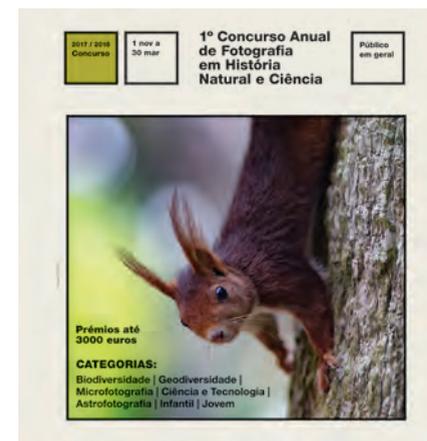
© Sofia Balula Dias  
O Prof. José Alves Diniz e Sofia Balula Dias no seminário «Tecnologias de Apoio para pessoas com deficiência intelectual», na FMH

## XXV Colóquio Nacional AFIRSE

Irà decorrer de 1 a 3 de fevereiro de 2018, dedicado ao tema «A investigação, a formação, as políticas e as práticas em educação», comemorando os 30 anos da AFIRSE Portugal – Associação de Estudos e Investigação em Educação. Em colaboração com o Instituto de Educação, esta edição estará aberta a todas as temáticas da história da AFIRSE em Portugal, sendo uma oportunidade para o balanço e a comemoração do contributo da Associação para o desenvol-

vimento da educação. Será realizado um debate sobre a formação superior na área das Ciências da Educação, com a participação de representantes de universidades públicas portuguesas. A conferência de abertura será proferida por António Sampaio da Nóvoa, com o título «A AFIRSE e o desenvolvimento das Ciências da Educação em Portugal».

**Mais informações:** <http://afirse.ie.ul.pt/>



## 1.º Concurso de Fotografia em História Natural e Ciência MUHNAC

De 1 de novembro a 30 de março de 2018 estão abertas as inscrições para o primeiro concurso de fotografia dedicado à natureza e à ciência organizado pelo Museu Nacional de História Natural e da Ciência. O concurso admite as seguintes categorias: Biodiversidade, Geodiversidade, Microfotografia, Ciência e Tecnologia, e Astrofotografia. Está aberto a

## IGOT Dia Aberto

Realizar-se-á mais uma edição do Dia Aberto da Geografia na ULisboa. Terá lugar no IGOT – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, ao longo de dois dias, a 4 e 5 de janeiro de 2018, devido à grande afluência que tem tido nas edições anteriores. Com o apoio da Caixa Geral de Depósitos, alunos de todas as escolas do país são convidados a conhecer a Geografia e como os geógrafos abordam as questões socioambientais, através de sessões orientadas.

fotógrafos amadores e profissionais, incluindo ainda as categorias de fotografia infantil, destinada a crianças com menos de 10 anos, e de fotografia jovem, para concorrentes dos 10 aos 17 anos. Haverá um vencedor para cada categoria, e a avaliação das imagens será feita por um painel que inclui fotógrafos, cientistas, e outros profissionais das áreas científicas envolvidas. A cerimónia pública de entrega de prémios terá lugar a 23 de junho de 2018, estando prevista uma exposição de fotografia no segundo semestre desse ano.

**Informações e inscrições:** [geral@museus.ulisboa.pt](mailto:geral@museus.ulisboa.pt)

# SOBRE ESTATINAS

## António Vaz Carneiro\*

Para acabar de vez com a controvérsia sobre as estatinas

**E**xistem áreas controversas em medicina, mas a modulação dos fatores de risco cardiovasculares para diminuir as complicações clínicas não é uma delas.

Há décadas que se reconhece que a hipertensão arterial, a hipercolesterolemia, a diabetes mellitus, o tabagismo e a obesidade mórbida – os cinco fatores de risco principais –, quando presentes num mesmo doente (sozinhos ou em grupo), aumentam a probabilidade de um ou mais ECM (Eventos Cardiovasculares Major: ataques cardíacos, acidentes vasculares cerebrais, insuficiência renal, etc.).

Há, no entanto, princípios científicos que têm de ser respeitados: por exemplo, para se poder afirmar que o colesterol é prejudicial para a saúde, são necessários estudos clínicos que demonstrem duas coisas: em 1.º lugar, uma correlação entre a média do seu valor numa determinada população e o aparecimento de eventos cardiovasculares nessa população durante um dado período de tempo; em 2.º lugar, que a baixa do seu nível sérico, por exemplo através de estatinas, se reflete numa diminuição de problemas cardiovasculares. Esta relação causal é estabelecida através de evidência científica observacional (o 1.º caso) e experimental (o 2.º)<sup>1</sup>.

De todos os fármacos disponíveis, as estatinas têm um lugar especial: são extraordinariamente eficazes no tratamento da hipercolesterolemia e têm um perfil de segurança notável. Porquê então estas discussões sobre o seu benefício e segurança?



Para responder haverá que, em primeiro lugar, quantificar o benefício e o risco esperados para um doente típico, baseado nos melhores estudos publicados. E o que estes nos mostram é que a baixa do nível de LDL (o colesterol «mau») em 2 mmol/L (77 mg/dL) com estatinas – por exemplo, atorvastatina 40 mg por dia – durante cinco anos, em 10.000 doentes, previne a incidência de 500 ECM em doentes com risco aumentado, mas sem doença cardiovascular (prevenção primária), e de 1.000 ECM em doentes com doença CV (prevenção secundária). O tratamento com estatinas destes doentes teria um resultado benéfico durante todos os anos em que o medicamento estivesse a ser utilizado. Por outro lado, os riscos seriam relativamente modestos: numa análise muito agressiva, poderíamos esperar, nesta amostra de doentes, nos cinco anos de terapêutica, cinco casos de miopatia (uma doença dos músculos que pode progredir raramente para uma patologia grave – a rabdomiólise), 50-100 novos casos de diabetes mellitus, e 5-10 acidentes vasculares cerebrais hemorrágicos<sup>2</sup>.

Como tudo em medicina, para, neste balanço entre os benefícios e os riscos, justificarmos a utilização de uma estatina para tratar o colesterol, precisamos de números objetivos, mas a decisão final é algo subjetiva: alguns doentes decidirão tomar o fármaco por acharem o benefício potencial superior ao risco, enquanto outros preferirão não o fazer.

Não existem intervenções terapêuticas sem risco, e a decisão de qual a abordagem prática deverá ponderar a gravidade da doença que se quer prevenir, a probabilidade de que ela venha a manifestar-se no doente, a eficácia e a taxa de efeitos adversos da intervenção terapêutica, o seu custo, e a adesão terapêutica a um regime de tratamento definido.

O colesterol é um factor de risco major para a causa principal de mortalidade no nosso país – a doença cardiovascular – e o seu tratamento é eficaz e suficientemente seguro para que todos os doentes de médio e alto risco beneficiem da sua toma<sup>3</sup>.

As evidências científicas mais atuais e de melhor qualidade confirmam que esta terapêutica é central no combate à doença cardiovascular, e que não há razão para duvidar do seu impacto positivo. Chegou a altura de terminar as controvérsias sobre a utilização das estatinas em doentes de risco cardiovascular elevado.

1 JAMA. 2016;316(12):1289-1297  
2 Lancet 2016;388:2532-61  
3 BMJ 2016;354:i4893

\* Centro de Estudos de Medicina baseada na Evidência e Instituto de Medicina Preventiva e Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa

# 4 COISAS

## Ana Maduro

Administradora da Universidade de Lisboa



### Rádio

Acordo a ouvir, adormeço a ouvir. Às vezes oiço muito atentamente, às vezes é só um som de fundo, que me faz sempre companhia. Diria que é a banda sonora da minha vida.



### Livros

Desde sempre me lembro de ler. Gosto particularmente de Haruki Murakami e de Paul Auster, mas o livro que mais vezes me vem à memória é de Mario Vargas Llosa: *Travessuras da Menina Má*. Uma história incrivelmente bem contada, que nos faz pensar na natureza humana e nos seus mistérios.



### Ericeira

Por muitas razões adotei a Ericeira como a minha terra. Até já gosto do frio, da humidade, do verão tímido, do mar intenso. Um local de família e de encontro, com cada vez mais memórias.



### Família

Impossível falar de quatro coisas sem falar da família: o início e o fim de tudo.



O arquiteto Manuel Aires Mateus recebeu-nos na Rua Cecílio de Sousa, onde acaba de se instalar com a sua equipa após dez anos de remodelações. Falámos sobre o seu percurso dentro e fora da universidade, os seus projetos prediletos e os seus heróis.

Fotografias © 2017 José Furtado

**ULISBOA** Estudou na Escola António Arroio e na Faculdade de Arquitetura. Sempre quis ser arquiteto?

**AIRES MATEUS** Só estive hesitante entre duas profissões: Direito e Arquitetura, as profissões da família. Quando era miúdo, ainda pus a hipótese de Direito, porque tinha uma imagem do juiz como uma figura possível. Depois, quando fui para a António Arroio, Arquitetura começou a ser óbvio. O meu pai era arquiteto, a minha mãe pintora, e isso tornava mais ou menos óbvia a ida para Arquitetura. Ainda pensei em ir para o Porto, mas era complicado viver lá – estamos a falar dos anos 80, anos de escassez. A minha casa era cá, e estudei cá por essa razão.

**ULISBOA** Não tinha família no Porto?

**AIRES MATEUS** Só o meu padrinho, o José Grade, professor de Desenho, na altura o diretor da Faculdade de Arquitetura. Quis ir para o Porto porque conhecia o ensino de desenho lá, mas não pude por motivos fundamentalmente económicos.

**ULISBOA** Porquê a Faculdade de Arquitetura de Lisboa?

**AIRES MATEUS** Era a que havia. Tinha figuras que eu apreciava, e tive os dois professores mais interessantes em Desenho: o Fernando Conduto e o Daciano Costa. E tive um bom professor de Arquitetura, o Manuel Tainha, de quem cheguei a ser assistente. Era uma figura ímpar no ensino, central na minha formação. À parte isso, era uma escola muito complicada. Era um tempo em que se fazia o curso de manhã e se trabalhava de tarde.

**ULISBOA** O que fez enquanto tirou o curso?

**AIRES MATEUS** Tive a sorte de trabalhar com o Gonçalo Byrne, que tinha um bom atelier e uma boa biblioteca. Conseguia colmatar as deficiências do curso. Era comum todos trabalharmos, e em Arquitetura. Fui moço de recados, desenhador, fiz cópias... Ainda estudei no Chiado, nas Belas-Artes, o que foi uma sorte, pela presença da cidade, sempre importante num curso de Arquitetura. Aliás, acabámos de construir uma faculdade na Bélgica que fez exatamente o contrário, foi de fora para o centro da cidade.

**ULISBOA** Depois foi assistente na Faculdade de Arquitetura?

**AIRES MATEUS** Fui monitor na Faculdade de Arquitetura durante muitos anos, depois assistente, e ainda fiz as Provas de Aptidão Pedagógica, uma espécie de mini mestrado. Depois fui pressionado para fazer o doutoramento, para continuar a dar aulas.

**ULISBOA** Pressionado pela instituição?

**AIRES MATEUS** Sim. Mas não estava muito interessado em fazê-lo, e fui despedido. Foi o único sítio da minha vida em que fui despedido. Foi também um tempo conturbado na Faculdade, quando passou para a Ajuda. Começava a ser complicado

dar lá aulas, tinham acabado de sair o Carrilho da Graça, o Manuel Graça Dias. Fui durante muito tempo monitor do Graça Dias. Começámos essa relação porque eu ia ser monitor do Carrilho da Graça, mas o Graça Dias tinha mais alunos e transferiram-me para ele. Foi um acaso feliz. Hoje, não sei se não me arrependo de não ter continuado a estudar. Adorei fazer as Provas de Aptidão Pedagógica, foi uma hipótese de me fechar a escrever, a pensar. Mas era uma espécie de *statement* de um grupo de arquitetos que decidiu não fazer o doutoramento: éramos os homens da prática, não fazíamos doutoramento.

**ULISBOA** Esse grupo incluía o seu irmão, Francisco Aires Mateus?

**AIRES MATEUS** Não. O meu irmão fez a faculdade um ano depois de mim, sempre com uma posição mais distante, e nunca deu lá aulas. Começámos a dar aulas juntos quando fomos para a Suíça, há cerca de 17 anos. Depois, montou-se na UAL [Universidade Autónoma de Lisboa]. Fiquei coordenador do 4.º ano, e o meu irmão ficou a trabalhar comigo. Depois saí e o Francisco assumiu o meu papel na UAL. E continuámos os dois a dar aulas em Mendrisio, na Suíça.

**ULISBOA** Gosta de ensinar?

**AIRES MATEUS** Gosto muito de ensinar. Mas os motivos são egoístas: gosto de ensinar porque é uma ótima forma de aprender. [Risos] É das atividades mais honestas que conheço: os alunos dão aquilo que recebem, e nós extraímos deles o que lhes damos. Nas aulas ensinamos exatamente da mesma maneira como trabalhamos, discutindo ideias, com uma diferença: no caso das aulas, o último decisor é o aluno. A nossa interferência aqui pode ser maior do que nas aulas.

# MANUEL AIRES MATEUS

«GOSTO DE ENSINAR PORQUE É UMA ÓTIMA FORMA DE APRENDER.»



**ULISBOA** Já fez edifícios como a Reitoria da Universidade Nova de Lisboa e a Faculdade de Arquitetura de Tournai, na Bélgica; vê diferença entre fazer edifícios para universidades e edifícios de outros tipos?

**AIRES MATEUS** A Reitoria não é um edifício de uma universidade no sentido convencional; tem um lado representativo, mas um escritório de um Reitor é o mesmo que um escritório de um presidente de uma empresa. Quando falamos de espaços de alunos, é diferente, há um uso temporário e intensivo. É como a diferença entre desenhar uma casa e um hotel: desenhamos para uma permanência ou para um tempo? No caso de uma faculdade, desenhamos para um tempo. Quando desenhamos a Faculdade de Arquitetura, havia uma representação muito forte da própria ideia da arquitetura. Não só fazíamos, como demonstrávamos o que fazíamos. Gostei muito de termos desenhado a residência de estudantes para a Universidade de Coimbra. Éramos muito novos e houve muita

projeção pessoal: é um edifício em que gostaria de ter vivido na época de estudante. Desenhamos sempre no sentido de onde gostaríamos de estar, não é? Eu e o meu irmão vivemos sempre em casa dos pais. No Portugal de 1980, sair para ir estudar não era comum. O Portugal dessa altura não tem nada a ver com o de hoje. Entre Lisboa e Paris, havia vários oceanos.

**ULISBOA** Quem termine o curso de Arquitetura agora não tem a mesma facilidade em encontrar trabalho como as pessoas da sua geração tiveram.

**AIRES MATEUS** No dia seguinte a terminar o curso, arranjava-se emprego. Hoje, há uma dificuldade enorme em encontrar um sítio para fazer um estágio, ou trabalhar. Mas arranjam emprego em Portugal. Nenhum dos 140 que acabámos o curso em 1986 foi trabalhar para outro sítio. Hoje, os miúdos vão para Londres, Suíça, América. Uma pessoa forma-se em Arquitetura e pode abrir um restaurante, trabalhar como editor, fazer seja o que for. Estamos num

tempo mais rico, mas mais complicado.

**ULISBOA** Recebe muitos estagiários?

**AIRES MATEUS** Temos um estagiário permanente, através das bolsas de um banco espanhol, e um estagiário do México. Não podemos ter mais do que quatro ou cinco. Recebemos muitos currículos e, quando precisamos, escolhemos. Há dois meses, tínhamos os cinco continentes representados no escritório. Um *atelier* tem um lado de formação. Embora os meus colaboradores permanentes trabalhem comigo há 20 anos, é importante haver pessoas que vêm e que vão. Temos consciência de que somos uma plataforma para exportação de talentos, de profissionais. Há pessoas que fazem aqui a formação prática e depois seguem um percurso internacional: Londres, Suíça, Japão. Um dos planos ao mudarmo-nos para estas novas instalações era a realização de cursos. O primeiro, com o Rui Sanches, já começou e está a ter lugar no escritório do meu irmão. Convidámos o Delfim Sardo, o Nuno Crespo, e o Pedro



«Gostávamos de ter alunos no *atelier*, estudantes que vêm para aqui fazer trabalhos académicos e projetos deles. Põe os arquitetos mais velhos a trabalhar com os novos.»

Moreira, para aulas de música. São cursos sobre coisas fundamentais, paralelas à nossa atividade. Gostávamos de ter alunos no *atelier*, estudantes que vêm para aqui fazer trabalhos académicos e projetos deles. Isso é muito rico e interessante, porque põe os arquitetos mais velhos a trabalhar com os novos, a ter contacto com o ensino. Gostávamos de tornar isso uma prática, é a ambição que nos falta cumprir.

**ULISBOA** Que obras suas, e do seu irmão, destacaria?

**AIRES MATEUS** Destacamos sempre as casas, aquilo que fazemos mais. É evidente que as obras com mais impacto urbano têm sempre importância: a sede da EDP é uma obra tão grande que é difícil de evitar. A casa é o projeto em que conseguimos ter relações mais intensas. O cliente não desenha, mas influi muito no desenho. Posso destacar a casa de Alenquer, a casa de Azeitão; são muitas, mas constituem uma unidade. Se nos propuserem um projeto grande, vamos ver se é possível; se nos propuse-

rem uma casa, começamos no próprio dia.

**ULISBOA** Vive numa casa projetada por si?

**AIRES MATEUS** Vivo numa casa adaptada por mim, um edifício de 1800. Vivemos no rés do chão, na zona de serviços, porque era o lugar com mais liberdade, mas seguimos o que o edifício nos propunha. É muito difícil desenhar uma casa para nós mesmos, não nos conseguimos distanciar.

**ULISBOA** Já pensou em pedir a alguém para lhe fazer uma casa?

**AIRES MATEUS** Não, nunca aceitaria! Quer dizer, uma pessoa aceita viver onde calha. O lugar onde trabalho ou vivo são muito importantes, mas poderia viver em qualquer sítio de que gostasse. Pedir a alguém, acho que não, faria sempre eu. Ao ser casado com uma arquiteta, estabeleceu-se um diálogo interpares, e há um lado em que a minha mulher funciona como cliente, o que é bom, porque cria a tal distância.

**ULISBOA** E que edifícios destaca no mundo?

**AIRES MATEUS** O San Carlino, de

Borromini, em Roma, causou-me o maior impacto da minha vida. É uma pequena igreja barroca, duas paredes de pedra, com um interior lindíssimo, feito de espaço. Essa liberdade do espaço foi o que nos mudou mais a vida como arquitetos. Temos uma ligação muito forte com Palladio, com a lógica de arquitetura palladiana. Destaco La Rotonda como a obra mais emblemática. Só a visitei por fora, nunca consegui entrar, mas já vi tantas fotografias que tenho a sensação de já lá ter estado. Há o Siza Vieira, do qual destacaria as Piscinas de Leça da Palmeira, uma das obras que marca a entrada no novo tempo para a arquitetura. Desviámo-nos sempre do caminho para ir ver tudo o que ele fez. Há outro, com o qual tivemos a sorte de dar aulas ao mesmo tempo na Suíça, o Peter Zumthor. Não temos uma relação estreita com ele, mas assistimos às suas aulas, e visitámos tudo o que fez. Posso destacar as Termas de Vals como a obra mais emblemática. São estes os nossos heróis, as obras de referência para a nossa formação. •



# UMA CASA NA UNIVERSIDADE

## AS RESIDÊNCIAS PARA ESTUDANTES DOS SASULISBOA

A Universidade de Lisboa dispõe de 17 residências universitárias geridas pelos Serviços de Ação Social, que alojam 790 estudantes. Destinam-se a alunos do 1.º ou 2.º ciclos, ou mestrado integrado, da ULisboa e de outros programas de cooperação e mobilidade.

Fotografia © CVDB Arquitectos

A construção de novas residências é um dos objetivos prioritários da ULisboa para os próximos anos.

Para um estudante de um curso superior em Lisboa que provenha de outra zona do país, a questão do alojamento é quase tão importante como a decisão do curso: frequentemente, as duas estão relacionadas; não raras vezes, de uma poderá depender a outra. Por outro lado, há estudantes que, não vivendo longe de Lisboa, cedo percebem que o tempo perdido em transportes prejudica o seu rendimento académico, e que lhes compensa estar alojados na cidade. Dado que o custo do alojamento em Lisboa tem atingido valores inoportáveis para numerosas famílias, as residências universitárias são uma opção cada vez mais atraente, especialmente para estudantes que, tendo mérito académico, não possuem as condições económicas necessárias.

Na seleção dos candidatos às residências dos Serviços de Ação Social (SASULisboa), a prioridade é dada aos estudantes recipientes de bolsas de estudo, deslocados do agregado familiar, ou que apresentem condições sociais ou familiares menos favoráveis. Da totalidade dos estudantes alojados nas residências dos SASULisboa, mais de 80% são bolseiros. Além da bolsa, que inclui o pagamento integral da propina, dispõem de um complemento para o alojamento.

Viver numa residência universitária não consiste apenas em ter um quarto que pode ou não ser partilhado. Os estudantes encontram na residência um lugar de autonomia, de responsabilidade, de confraternização e de lazer. É na universidade que muitos têm pela primeira vez a experiência de gerir a arrumação de um quarto, a preparação de uma refeição, ou o horário de

estudo. Nos espaços comuns das salas de estudo, salas de convívio e cozinhas, constroem-se comunidades que podem ter tanta influência no êxito académico de um aluno quanto as horas dedicadas ao estudo. Verifica-se que muitos alunos chegam a ter melhor aproveitamento quando lhes é assegurada a manutenção da bolsa e do alojamento. É precisamente o que estabelece o Regulamento Geral para as residências dos SASULisboa, as quais «devem proporcionar aos estudantes condições de estudo e bem-estar, favorecendo o seu sucesso escolar». Após admissão na residência, está previsto o acompanhamento social dos residentes, por parte do responsável da respetiva unidade.

Nos últimos dois anos, a taxa de ocupação das residências dos SASULisboa tem sido de 100%, número que reflete a crescente procura por esta modalidade de alojamento. A qualidade das residências, na sua maior parte destinada a estudantes de ambos os sexos, é bastante razoável; no entanto, além de serem de dimensão pequena, todas elas são antigas e exigem obras de manutenção contínuas. Uma das residências da Faculdade de Motricidade Humana foi alvo de renovação, tendo sido recentemente reocupada; a outra encontra-se em remodelação, e prevê-se que possa ser utilizada no 2.º semestre deste ano letivo. Já a Residência Filipe Folque começará a ser remodelada no ano letivo de 2019/2020. Prevê-se, ainda no presente ano letivo, o encerramento de duas das 17 residências existentes.

Considerando os cerca de 50.000 estudantes da ULisboa, o défice na oferta de alojamento é real. Por outro lado, tem aumenta-



Um dos projetos em curso é o da residência do Polo Universitário da Ajuda, cuja primeira fase de construção deverá estar concluída no início do ano letivo de 2018/2019.

do o número de estudantes estrangeiros, que correspondem agora a cerca de 14% do total de estudantes da Universidade, criando-se a necessidade de os acolher. A construção de novas residências é um dos objetivos prioritários da ULisboa para os próximos anos.

Um dos projetos em curso é o da residência do Polo Universitário da Ajuda, situada entre a área urbana da Ajuda e o Parque de Monsanto. Em abril deste ano, teve início a primeira fase de construção, que deverá estar finalizada no início do ano letivo de 2018/2019. Das 300 camas previstas para a nova residência, que será mista, 180 ficarão concluídas nesta fase, bem como salas de estudo, lavandarias, cozinhas, e demais infraestruturas funcionais.

A conceção da residência do Polo Universitário da Ajuda foi atribuída, após con-

curso público, ao atelier CVDB Arquitectos, de Cristina Veríssimo e Diogo Burnay, no final de 2014. Com uma imagem marcadamente contemporânea, a implantação da nova residência desenvolve-se, de acordo com a memória descritiva do projeto, «em torno de um pátio central comunitário, funcionando em *loop* contínuo ao longo das quatro alas de quartos». No lote em que está a ser construída, encontra-se o refeitório do Polo da Ajuda; entre a residência e o refeitório, é criado, de acordo com o mesmo documento, «um percurso pedonal de ligação entre as ruas à cota alta, a Norte (junto à Faculdade de Arquitetura), e baixa, a Sul». Além de contribuir para a qualificação do espaço urbano, a nova residência levará a uma melhor utilização do refeitório existente.

A ULisboa prevê a construção de uma residência na Cidade Universitária, que resultará da reformulação do edifício da antiga Cantina II, na Avenida das Forças Armadas. Esta residência, cujo projeto está em fase de aprovação pela Câmara Municipal de Lisboa, terá capacidade para cerca de 180 camas. Foi ainda anunciada a construção de uma residência num terreno junto à Biblioteca Nacional; está a decorrer um concurso para os trabalhos de conceção da praça e dos edifícios da nova residência. Além das 900 camas previstas, o projeto incluirá espaços para comércio e um parque automóvel subterrâneo. Há, por fim, a intenção de converter numa residência de cerca de 70 camas um edifício na Rua da Escola Politécnica, perto do Museu Nacional de História Natural e da Ciência. •

Ouvimos quatro estudantes com bolsas de estudo dos SASULisboa, três deles alojados em residências. Pedimos-lhes que nos dissessem de onde vêm, o que estudam, e como está a decorrer a sua experiência universitária.



PE-  
DRO  
NO-  
GUEIRÁ

Aluno do 3.º ano do curso de Engenharia Aeroespacial, no Instituto Superior Técnico. Está alojado na Residência Egas Moniz, no Saldanha. Escuteiro há vários anos, tem 20 anos, e é do Carregado.

« Engenharia Aeroespacial foi a minha primeira escolha. No início do curso, voltava todos os dias para o Carregado, perdia cerca de três horas por dia em deslocações.

No segundo ano, entrei na Residência Egas Moniz. Já usufruía da bolsa dos SASULisboa, que cobria apenas as propinas. Quando entrei na residência, passei a ter um complemento de alojamento, de 70€ mensais. A residência não é nova, mas tem várias vantagens. Primeiro, está muito perto do Técnico. Depois, o ambiente: há sempre pessoas com quem conversar. Estou num quarto duplo, embora preferisse estar num individual, porque por vezes preciso de horários de estudo mais “radicais”.

Depois de completar o curso, não sei o que me vejo a fazer, porque gosto de muita coisa.

O curso dá-nos uma grande gama de conhecimentos, e várias saídas profissionais, em toda a área da aviação e espacial. Sempre tive jeito para Matemática, Física e Engenharias.

Também gosto de literatura, de cinema, de música.

Nos tempos livres, gosto de estar com os meus amigos, ver filmes e ler.

A ajuda dos SASULisboa faz diferença. Não posso dizer que o meu caso seja dos mais graves; estaria a estudar independentemente da bolsa.

No entanto, ter as propinas pagas facilita bastante a vida da minha família. »



© Duarte Pinheiro

## ROSA COSTA

Aluna do 1.º ano de Medicina, na Faculdade de Medicina. Está alojada na Residência Egas Moniz, tem 18 anos e é de Portalegre.

« Vim de Portalegre para um sítio onde não conhecia ninguém. Esperava que fosse mais difícil, mas foi fácil estabelecer contacto com as pessoas da Faculdade. Perdi-me algumas vezes por Lisboa, mas na segunda semana já estava orientada. Ter ido para a residência deu-me uma grande estabilidade. A experiência está a ser muito positiva: dou-me bem com as minhas três colegas de quarto, e costumo ir estudar para o 9.º andar, onde temos três salas de estudo e silêncio. Não cozinho muito, mas há quem o faça: há sempre um cheiro maravilhoso a sair de todos os lados. Conheço também pessoas de outras nacionalidades, o que não acontecia em Portalegre. Medicina na Universidade de Lisboa foi a minha primeira opção. Ainda não entrei bem no ritmo de trabalho do curso. É muita coisa! Tenho ido a casa aos fins de semana. Com o passar do tempo, vou ficar mais por cá, porque o bilhete de autocarro tem custos; além disso, sou mais produtiva no estudo quando fico em Lisboa. Pensando no futuro, a investigação não me seduz muito. Sou uma pessoa mais prática, gosto de interagir com os outros. Em termos de especialização, talvez Cirurgia, ou mesmo Urgências. Acabei de saber que recebi também a bolsa dos SASULisboa, que vai ser muito importante. Os meus irmãos, que são ambos médicos, também estiveram em residências e usufruíram da bolsa » enquanto estudantes na Faculdade de Medicina. »

Estudante do 2.º ano do curso de Sociologia no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP). Tem 24 anos e é de Lisboa.

## ANA GRAÇA



© Duarte Pinheiro



© Duarte Pinheiro

Estudante do último ano do mestrado integrado em Arquitetura, na área de especialização em Urbanismo, na Faculdade de Arquitetura. Tem 24 anos, é de Setúbal, e está alojado na Residência Luís de Camões, em Alcântara.

« Perdia diariamente três horas em transportes e candidatei-me à residência. Estou lá há três anos e o meu rendimento subiu: passei a ter tempo para estudar e conviver. Aos fins de semana vou a casa. O meu curso exige muitas noites e dá muitos cabelos brancos. O Urbanismo envolve a gestão da cidade, e adoro isso. É muito prático e também dispendioso, em termos de materiais. Sou bolseiro desde o primeiro ano; sem a bolsa não conseguiria continuar a estudar. Na tese, estou a desenvolver a criação de um complexo de transportes na zona de Alcântara, com metro, elétrico, comboio e barcos da Margem Sul. Gostava de dar aulas na universidade, mas também de integrar a Câmara Municipal de Lisboa. Dizia sempre que não queria vir viver para Lisboa, mas agora quero ficar cá. Comecei a descobrir a cidade quando vim morar para a residência, especialmente com os alunos estrangeiros, com quem ganhei facilidade em certas línguas. Para nós, que estamos na residência, quando acaba o curso acaba tudo. Há um certo desamparo. Seria bom haver um período de transição para os alunos que estão à procura de trabalho, com habitações intermediárias. Acho que a residência nos prepara para a vida adulta. É um método de ensino e de inserção na sociedade muito bom. »

## DANIEL MIRANTE

« Benefício da bolsa dos SASULisboa desde o início do curso. É um apoio monetário mensal, que me é entregue diretamente. Divido-o entre as propinas, as despesas mensais, e a ajuda à minha irmã, com quem vivo, e que tem duas crianças. O processo foi simples, com o preenchimento dos formulários e a entrega dos documentos para a candidatura. Este ano fui a uma entrevista com a Dr.ª Helena Catarino, com quem já contactava por telefone, para ela me conhecer melhor a mim e ao meu caso. O curso tem sido totalmente diferente do que estava à espera, pela positiva. Entrei para Sociologia com a ideia de mudar para Relações Internacionais, mas a professora Maria da Luz, do “cadeirão” do primeiro semestre – Sociologia Geral –, deu a matéria de forma muito competente e envolvente. Apaixonei-me por Marx. Continuei para o 2.º ano, até porque percebi que, com este curso, posso fazer o que quero: Diplomacia. Quero fazer o mestrado em Relações Internacionais e pretendo continuar no ISCSP. Para mim, a praxe foi uma experiência positiva. Tem um grande peso na interação dos alunos; junta pessoas de vários cursos e horários, ajudando a que nos conheçamos. Se não tivesse a bolsa, não estaria a estudar. A bolsa possibilitou-me fazer algo de que gosto. »

# MECENATO NA ULISBOA

O mecenato, no que diz respeito às universidades, é raro em Portugal. Damos a conhecer exemplos de filantropia na ULisboa que podem ser os primeiros passos para uma futura «cultura da retribuição».

MECENATO

## BOLSA ESCOLAR DE MÉRITO CARLOS E OTELINDA SILVEIRA

«Não há nada de extraordinário nisto. É uma ajuda para os alunos que querem fazer o mestrado e não têm condições.»

Carlos Silveira, atualmente com 92 anos, conheceu aquela que viria a ser a sua esposa, Otelinda Barreto, no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (ISCEF), o atual Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) da Universidade de Lisboa. Otelinda estava no curso de Finanças, e Carlos no de Ciências Económicas e Financeiras (Secção Diplomática Consular e Aduaneira), que completou em 1950. O percurso profissional de ambos foi sempre na função pública. Otelinda passou pelo Ministério do Ultramar, pela Câmara Municipal de Lisboa, e depois pelos Correios, como economista principal, profissão de que se reformou. Carlos passou também pela Câmara Municipal de Lisboa e pela Direção Geral das Alfândegas. Foi professor provisório do en-

sino técnico-profissional, ficando depois 39 anos como Inspetor da Previdência Social. Para além do percurso semelhante, o casal tinha um objetivo comum: apoiar causas humanitárias e sociais. Há mais de 40 anos que Otelinda e Carlos discutiram pela primeira vez a possibilidade de doar as suas poupanças; quando Otelinda morreu em 2015, o casal já não falava sobre o assunto há algum tempo, e Carlos viu-se confrontado com a necessidade de tomar uma decisão relativamente aos certificados de aforro conjuntos que ficaram na sua posse.

Carlos Silveira recorreu então a um seu familiar, Luís Morais, que o ajudou a «encontrar uma maneira ótima de fazer as coisas», como o próprio diz, e que consistiu na escolha do ISEG como instituição à qual doar 750.000€. Com a administração do ISEG, na

peessoa do Prof. José Veríssimo, desenhou-se o projeto de uma Bolsa Escolar de Mérito Carlos e Otelinda Silveira: «O que nos pareceu razoável foi haver um prémio anual que abrangesse o maior número de pessoas, e durante o maior período de tempo possível», afirma Carlos. A Bolsa destina-se ao pagamento das propinas aos alunos de licenciatura do ISEG que desejem prosseguir os seus estudos de mestrado na mesma instituição. É uma bolsa de mérito, atribuída ao melhor aluno de cada licenciatura, num total de seis alunos por ano, numa vigência de 25 anos letivos. José Veríssimo sublinha que «a inovação está na ideia de ligação com o grau seguinte. Traduz uma aposta na Escola, já com 106 anos. E ajuda a mostrar aos nossos alunos que o mérito tem consequências. Está em causa o percurso profissional das pessoas:



© 2017 José Furtado

alguém que poderia ficar pela licenciatura nem um incentivo para continuar».

Este tipo de mecenato é raro em Portugal, como destaca José Veríssimo: «Esta tradição não existe em Portugal, e alguém tem de dar os primeiros passos para mostrar que é possível fazê-lo.» No entanto, Carlos Silveira afirma que a sua doação «não é nada de extraordinário. É uma ajuda para os alunos que querem fazer o mestrado e não têm condições». A Carlos Silveira espanta a evolução das instalações e do ensino do ISEG relativamente ao tempo em que frequentou a instituição. Carlos conta-nos um episódio em que o Prof. Mário Murteira apresentou a um número restrito de alunos uma das primeiras edições do livro de Paul Samuelson, que se tornou fundamental para a Economia: «“Econometria” era uma

palavra desconhecida! Tínhamos uma noção muito reduzida das coisas. Naquela altura, entrávamos 400 no Instituto e ao fim de quatro anos 80 licenciavam-se. Nada de comparável com os milhares atuais.»

No dia 5 de dezembro teve lugar a primeira atribuição da Bolsa Escolar de Mérito Carlos e Otelinda Silveira. Tendo já apoiado com doações instituições como o Externato S. Vicente de Paulo e o Instituto de Odivelas, este último a instituição de formação de Otelinda Silveira dos 9 aos 18 anos, interessa a Carlos Silveira deixar como testemunho «que toda a gente pense na vantagem em patrocinar e ajudar obras meritórias como as da universidade. Ficamos felizes por ser assim e termos a oportunidade de beneficiar muitas pessoas durante muito tempo». •

Em cima Carlos Silveira  
Em baixo Luís Morais, Carlos Silveira e José Veríssimo





© Duarte Pinheiro

# FUNDAÇÃO AMADEU DIAS

Eng.º João Gonçalves, um dos administradores da Fundação Amadeu Dias, constata igualmente que, em Portugal, «não existe tradição do chamado *fundraising*», especialmente no que diz respeito às universidades. Daí que a ideia de Amadeu Dias tenha sido peregrina quando, em 2005, criou a Fundação com o seu nome para apoiar a ciência, a investigação e a inovação. Natural de Celavisa, veio para Lisboa muito jovem e tornou-se um empresário de renome na área da restauração na década de 1960, im-

plantando em Portugal ideias trazidas de Paris, como o *self-service*, em espaços inovadores como o «Noite e Dia» (retratado em vários filmes do Cinema Novo português). Destituído da fortuna que conseguira antes do 25 de Abril, Amadeu Dias começou de novo e investiu na área imobiliária, a partir do terreno de lavoura da sua propriedade na Quinta Grande, em Alfragide, edifício que alberga hoje a sede da Fundação. João Gonçalves caracteriza Amadeu Dias como alguém «com um sentido de humor fantástico. Era uma pessoa humilde, cresceu à

custa do trabalho dele. Tinha muita curiosidade, gostava de inovar, estava sempre com ideias».

Quando Amadeu Dias faleceu, em 2013, a Fundação, de âmbito privado, acabara de conseguir o estatuto de utilidade pública. Um processo burocrático e longo, de acordo com João Gonçalves, que explica que tal se deveu também à necessidade de a Fundação «mostrar trabalho feito». Esse trabalho começou com a Universidade de Lisboa, a única a dar resposta positiva ao repto de colaboração que a Fundação, no início,



«O propósito de Amadeu Dias era o de apoiar jovens no início da carreira universitária, que começassem a ter ligações ao meio da investigação.»

fez às universidades portuguesas. Porquê as universidades? O propósito de Amadeu Dias era o de «apoiar jovens no início da carreira universitária, que começassem a ter ligações ao meio da investigação». Em 2007, foi estabelecido o protocolo entre a Fundação e a Universidade de Lisboa, do qual as Bolsas Universidade de Lisboa/Fundação Amadeu Dias (UL/FAD) foram a expressão maior. As bolsas eram abertas aos alunos do 1.º ciclo de estudos de todas as áreas do saber da Universidade que, em conjunto com um professor, apresentassem um projeto de investigação. Em 2008, ano da 1.ª edição das Bolsas, foram atribuídas 46 no valor de 1.800€ cada; a partir de 2009 e até 2014, o valor subiu para os 1.900€. Entre 2007 e 2014, ano do término do segundo protocolo entre a ULisboa e a Fundação, foram atribuídas, no total, 194 bolsas. A par desta iniciativa, a Fundação passou também a apoiar o Programa Consciência Social da Universidade de Lisboa, dirigido a alunos não abrangidos pela ação social estatal e em situação de insuficiência económica; para este Programa, a Fundação contribuiu, no total, com 170.000€. João Gonçalves diz que esta foi uma exceção ao âmbito da Fundação considerada necessária pela conjuntura: «Em vez de

ser mais uma fundação dedicada à solidariedade social, Amadeu Dias quis uma que apoiasse a investigação, embora possamos divergir um pouco desse fim expresso.»

Ao longo dos anos, a Fundação teve outros contributos pontuais igualmente relevantes para a Universidade de Lisboa. Em 2010, com os 10.000€ advindos do saldo positivo da 1.ª edição das Bolsas UL/FAD, foram financiadas bolsas de estágio no âmbito do mestrado integrado em Engenharia Biomédica e Biofísica da Faculdade de Ciências: 13 alunos usufruíram de estágios curriculares de três meses nas universidades de Harvard, Virgínia, Toronto, Cambridge, Amsterdão, e no Imperial College. Em 2011, existiu um apoio adicional de 20.000€ para atividades de promoção científica e cultural no âmbito da celebração do centenário da Universidade, com a realização de publicações, conferências e palestras. Logo em 2008, foram doados 20.000€ para a recuperação integral do piano Petroff, atualmente na Reitoria da ULisboa. No total, entre 2007 e 2014, a Fundação Amadeu Dias apoiou a Universidade com 620.000€.

Criada em vida de Amadeu Dias, mas patrimonialmente estruturada de modo a que, após a sua morte, tivesse continuidade, a Fundação é neste momento presidi-

da por Maria da Assunção Dias, sua viúva. Um grupo de curadores compõe ainda um conselho superior responsável pelas diretivas acerca do caminho a seguir. A iniciativa mais recente foi a criação do Prémio de Doutoramento em Ecologia – Fundação Amadeu Dias, em conjunto com a SPECO – Sociedade Portuguesa de Ecologia, sediada na Faculdade de Ciências da ULisboa. No valor de 2.500€, o prémio distingue teses de doutoramento nas diferentes áreas da Ecologia, e a 1.ª edição teve lugar nos dias 9 e 10 de novembro, aquando do 16.º Encontro Nacional de Ecologia.

João Gonçalves diz que a relação que a Fundação Amadeu Dias mantém com a Universidade de Lisboa é «de certo modo, afetiva, por ter sido onde começámos». Contudo, sublinha que «as universidades continuam a ter uma estrutura muito fechada. Não estão dotadas de meios nem de pessoas ligadas exclusivamente a este tipo de procedimento». Invocando o exemplo dos Estados Unidos, onde o financiamento das universidades assenta numa cultura da retribuição, João Gonçalves chama a atenção para o facto de, numa altura em que em Portugal o mecenato era ainda mais raro do que hoje em dia, Amadeu Dias o ter colocado em prática. •



© Duarte Pinheiro

MECE  
NATO

# BIBLIOTECA DA FACULDADE DE LETRAS DA ULISBOA

«Há uma semelhança entre os dois espólios: tanto Francisco Vieira de Almeida como Vasco de Magalhães Vilhena viveram numa época em que o livro era uma coisa maldita, porque era uma forma de intervenção pela liberdade.»

José Pedro Serra, diretor da Biblioteca da Faculdade de Letras, várias vezes publicamente expôs que, dados os poucos recursos existentes para tudo o que é necessário numa biblioteca universitária modernizada, as doações de espólios são cruciais para o trabalho dos alunos, investigadores e professores, sendo o mecenato «uma pedra fundamental da política da Biblioteca». Foi

neste sentido que a Revista da ULisboa conversou com os responsáveis pelas doações de dois espólios muito diferentes entre si: Domingos Abrantes, enquanto representante do Partido Comunista Português, falou-nos da doação da biblioteca de Vasco de Magalhães Vilhena; e Vasco Vieira de Almeida partilhou as razões da doação da biblioteca pessoal do seu pai, Francisco Vieira de Almeida.

Domingos Abrantes explica-nos a história por trás da doação da biblioteca de Magalhães Vilhena à Biblioteca da Faculdade de Letras. A biblioteca foi, primeiro, doada por testamento de Magalhães Vilhena ao Partido Comunista Português. Constituída por cerca de 18.000 volumes, dela fazem parte obras de Filosofia Grega Clássica, mas a sua relevância deve-se sobretudo ao

facto de ser tida como «a mais importante biblioteca marxista em Portugal», com edições em várias línguas do *Manifesto Comunista*, incluindo edições raras. O objetivo principal era disponibilizá-la ao público: «A biblioteca não podia ser uma biblioteca morta, de consulta restrita; não podia ficar em armazém. E o espaço da biblioteca do Partido não permitia albergar e disponibilizar algo daquela dimensão.» Impunha-se a procura de uma solução, que primeiramente surgiu na pessoa do Prof. Pina Martins, antigo colega de Magalhães Vilhena na Sorbonne e, à data, presidente da Academia das Ciências de Lisboa e consultor científico da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG). A biblioteca foi então transferida para a Academia das Ciências de Lisboa, em regime não de doação, mas de depósito. O contrato foi verbal, tendo sido acordada com a FCG quer a realização de um catálogo, que desse a conhecer ao público o acervo, quer a publicação dos livros inéditos de Magalhães Vilhena. Durante os cinco anos em que a Biblioteca permaneceu na Academia das Ciências, o catálogo não foi feito, «o que tornou logo a biblioteca morta», como diz Domingos Abrantes, e foi apenas publicado um dos três inéditos. Há cerca de dois anos, a Academia das Ciências comunicou ao Partido que não poderia albergar a biblioteca por mais tempo, devido à necessidade de espaço para outras obras

que iriam receber. Foi nessa altura que se encontrou a solução definitiva: «Lembrámo-nos, com o José Barata-Moura, que o melhor sítio era a Faculdade de Letras. Era logo por aqui que devíamos ter começado. Entrámos em conversações e foi uma colaboração muito frutuosa, franca e leal. Creio que a biblioteca está hoje no sítio certo.»

Estando a biblioteca em regime de doação, Domingos Abrantes diz que esta «é propriedade *ad aeternum* da Biblioteca da Faculdade de Letras, havendo pressupostos: a consulta pública; e manter a biblioteca una, numa ordenação que o próprio Magalhães Vilhena fez». José Pedro Serra afirma que esta doação «foi uma das mais importantes dos últimos tempos, sobretudo porque tem uma coleção muito importante de literatura e filosofia marxistas. Constitui um acervo raro de um determinado período da história da União Soviética, além de ser um património importante para o estudo do marxismo». Foi acordado o prazo de dois anos para que todo o espólio fosse catalogado; este processo encontra-se em fase de conclusão, prevendo-se que, no final, seja realizada «uma jornada, ou um colóquio, onde o centro seja este acervo, mas a partir dele se possa refletir quer no legado do Prof. Magalhães Vilhena quer no pensamento marxista, do qual ele estava mais próximo», avança José Pedro Serra.

De âmbito diferente é a biblioteca de Francisco Vieira de Almeida, antigo professor catedrático de Filosofia na Faculdade de Letras, instituição da qual também foi diretor. O seu filho, Vasco Vieira de Almeida, explica que o pai «não tinha a preocupação de ter uma biblioteca organizada ou de ter livros de carácter enciclopédico. Tinha interesses muito diferentes, desde a Filosofia à Literatura, Música, Arte, História». Para Vasco Vieira de Almeida, não houve qualquer dúvida relativamente ao destino a dar aos livros do pai: «O meu pai tinha sido professor da Faculdade. Uma das coisas que sempre fez foi lutar pela liberdade de pensamento dentro da Faculdade, o que não era fácil, porque muitos dos professores estavam ligados ao regime. Foi professor aqui durante o período terrível da Segunda Guerra Mundial, em que toda a gente achava que o nazismo ia dominar a Europa. Colaborou permanentemente, pela palavra e pela escrita, a favor da liberdade e contra o nazismo ou qualquer forma de ditadura, incluindo a portuguesa. Foi preso duas vezes.»

No mesmo espírito de Domingos Abrantes, Vasco Vieira de Almeida considera que o mais importante numa biblioteca é disponibilizá-la ao público. Outro o aspeto crucial na escolha da Biblioteca da Faculdade de Letras foi a preservação da ligação de Francisco Vieira de Almeida à instituição em que passou grande parte da vida: «O meu pai saiu da Fa-



© Duarte Pinheiro

Página da esquerda  
Vasco Vieira de Almeida,  
Domingos Abrantes e José Pedro Serra

Página da direita  
Vasco Vieira de Almeida  
Domingos Abrantes



Detalhe do depósito da Biblioteca

culdade, desapareceu, mas o facto de os seus livros estarem no sítio onde sempre ensinou é uma continuação da existência dele.» Além dos livros já doados, Vasco informa que ainda tem em sua posse inéditos do pai, nomeadamente a correspondência com o filósofo russo Lev Shestov. José Pedro Serra declara que «algumas doações levaram-nos a abrir um novo caminho aqui na Biblioteca, o de publicações próprias. A Biblioteca não só está interessada em inéditos, como está interessada na publicação de alguns inéditos que a ela chegaram», assumindo que se trata de uma responsabilidade dar a conhecer essas obras. Além disso, destaca no espólio de Francisco Vieira de Almeida «as *marginalia*, as dedicatórias, alguns apontamentos ao lado de um livro. Esses aspetos são muito importantes

e merecem ser estudados, porque refletem as relações intelectuais, de conhecimento, entre o autor dos livros e quem os ofereceu, ajudando a reconstituir uma época».

Refletindo sobre os dois espólios, Domingos Abrantes declara que há uma semelhança entre ambos: o facto de tanto Francisco Vieira de Almeida como Vasco de Magalhães Vilhena «terem vivido numa época em que o livro era uma coisa maldita, precisamente porque era uma forma de intervenção pela liberdade». Admitindo que este é um tipo de mecenato diferente, acrescenta que «as bibliotecas são um acervo da memória, da vida, da luta, da história, do pensamento, e o Estado tem a obrigação de as manter, por não poderem viver só do mecenato».



© LisbonPH

Membros da Júnior Empresa LisbonPH

# LISBONPH

## JÚNIOR EMPRESA DA FACULDADE DE FARMÁCIA DA ULISBOA

«O lucro é investido na empresa, e o excedente é aplicado em projetos de carácter social ou que, por estarmos numa faculdade, achamos importantes.»

Criada em 2013 por estudantes do mestrado integrado em Ciências Farmacêuticas da Faculdade de Farmácia, a LisbonPH promove a aproximação dos estudantes ao mercado de trabalho, através de uma formação complementar à do curso. A Revista da ULisboa falou com Elisa Reis, presidente da LisbonPH, e Duarte Quaresma, diretor do departamento financeiro.

Em que consiste o trabalho desta Júnior Empresa, a única em Portugal na área da saúde, premiada nacional e internacionalmente? Elisa Reis explica que «uma Júnior Empresa é uma associação sem fins lucrativos que se equipara a uma empresa e presta serviços de forma *low-cost*. Organizamos eventos científicos, realizamos formações *e-learning*, e damos apoio logístico». Pelo seu trabalho, a LisbonPH recebeu este

ano, a nível nacional, os prémios de Júnior Empresa do Ano (pela segunda vez) e Melhor Projeto; a nível europeu, ganhou em 2016 o prémio de Júnior Empresa mais promissora, tendo sido duas vezes finalista no prémio de responsabilidade social.

A empresa é composta por 38 membros, todos alunos do 2.º ao 5.º ano: «Recrutamos no início de cada semestre, como se fôssemos uma empresa normal: recebe-

mos cartas de motivação, currículos, fazemos entrevistas e dinâmicas de grupo. Avaliamos o perfil das pessoas de acordo com os projetos que teremos no ano seguinte», descreve Elisa. Adicionalmente, a LisbonPH possui um Conselho Consultivo constituído por professores da Faculdade de Farmácia. Duarte Quaresma explica que a proximidade com a academia confere «rigor e segurança ao nível do conteúdo científico», um fator decisivo para o número de clientes conquistados e projetos realizados: até ao momento, 30 clientes e 60 projetos, dos quais 15 internacionais.

Recebendo uma pequena parcela orçamental do Instituto Português do Desporto e Juventude, a LisbonPH é autossustentável. Segundo Duarte Quaresma, «o lucro é investido na empresa, em novos projetos e na formação de membros, e o excedente é aplicado em projetos de carácter social ou que,

por estarmos inseridos numa faculdade, consideramos importantes». Um destes projetos foi a criação, em 2016, da Bolsa LisbonPH – Bolsa de Apoio à Investigação em Mestrados, no valor de 2.500€. Elisa Reis explica a génese da ideia: «Surgiu a necessidade de apoiar a investigação. É difícil, na situação económica atual, um aluno prosseguir os seus estudos. A maior necessidade está na passagem do mestrado para o doutoramento. Foi aí que atuámos, no 2.º ciclo do mestrado.» O processo realizou-se com candidaturas de alunos da Faculdade de Farmácia, avaliadas por um painel de professores das diferentes áreas da Faculdade. Foi escolhido o projeto mais capaz de ser desenvolvido na Faculdade, tendo o prémio sido atribuído a Ana Rita Teixeira Poim, aluna do mestrado em Ciências Biofarmacêuticas, com o tema «Neuroptosis and mitochondrial dysfunction in NAFLD: potential novel modulators», orien-

tado pelo Dr. Rui Castro. Por depender das receitas da LisbonPH, não é possível atribuir esta Bolsa anualmente: «Talvez de dois em dois anos. A nossa prioridade passará por aí», garante Duarte. Nas edições seguintes, pondera-se alterações ao formato, nomeadamente a abertura ao 1.º ano do mestrado e a candidaturas de outras faculdades.

Com sede no Complexo Interdisciplinar da Universidade, a LisbonPH promove ainda o Programa IDAI – Incubação, Desenvolvimento e Aceleração de Ideias, a que qualquer estudante pode concorrer com uma proposta na área da saúde, que a equipa da LisbonPH ajudará a desenvolver. Em 2018 pretendem organizar um *roadshow* do Programa IDAI e realizar a 4.ª edição do PitchPH, um evento direcionado para os futuros profissionais de saúde – estudantes, recém-mestres, ou alunos finalistas; o objetivo é dar a conhecer o seu trabalho a empresas de indústria farmacêutica.



# ANA ZANATTI

«NÃO SOU SAUDOSISTA, EMBORA NÃO ESQUEÇA AS LIÇÕES DO PASSADO PARA VIVER MELHOR O PRESENTE.»



Ana Zanatti  
é atriz e escritora.

© José Pinto Ribeiro

**ULISBOA** Qual a razão de escolher o curso de Filologia Românica na Faculdade de Letras (FLUL)?

**ANA ZANATTI** Era boa aluna a Letras, gostava de literatura e não encontrei, na altura, outro curso que me aliciasse mais.

**ULISBOA** Abandonou-o para estudar Teatro no Conservatório Nacional. Foi uma deci-

são ponderada? Completou o curso de Teatro?

**ANA ZANATTI** Foi uma decisão apaixonada. Creio que, aos 18 ou 19 anos, não era um modelo de ponderação. Não pude fazer o exame final porque, entretanto, fui contratada para ingressar na Companhia do Teatro Nacional Popular (TNP), dirigida por Francisco Ribeiro (Ribeirinho), e, na

época, quem já estivesse a trabalhar no teatro não podia continuar no curso.

**ULISBOA** Os anos que passou na FLUL tiveram preponderância na sua vida?

**ANA ZANATTI** Foram anos de mudança, de tentativa de adaptação a um curso sobre o qual me questionava, porque comecei a interrogar-me acerca do meu fu-

turo profissional. Recordo em especial dois professores excepcionais: o Padre Manuel Antunes, em História da Cultura Clássica, e Lindley Cintra, em Linguística.

**ULISBOA** Como surgiu a oportunidade de se juntar à Companhia Nacional de Teatro?

**ANA ZANATTI** Uma das minhas tias era casada com o encenador e ator Fernando Gusmão, um dos fundadores do Teatro Moderno de Lisboa, e diretor, durante uns anos, do Cénico de Direito. Creio que ele terá contado ao Ribeirinho que eu estava no Conservatório. A dada altura, a atriz Teresa Mota, que fazia parte da Companhia do TNP, foi para Paris, e o Ribeirinho precisou de alguém que preenchesse o lugar dela. Chamou-me, fez-me uma audição, e entrei para me estrear ao lado dele na peça *Cautela Libertino!*, de Luigi Pirandello.

**ULISBOA** Pensou em estudar Psicologia, e representou recentemente o papel de psicóloga numa série de televisão. É um campo de conhecimento que lhe desperta particular interesse?

**ANA ZANATTI** Sim, é uma matéria que me interessa há muito e sobre a qual leio bastante. Tenho muita curiosidade sobre os mecanismos internos da mente humana, e interesse-me particularmente pela psicologia analítica. Arquétipos, inconsciente coletivo, enfim, todos os campos que Jung explorou são, a meu ver, numa riqueza profunda. Frequentei inclusivamente um curso sobre Jung.

**ULISBOA** Como surgiu a escrita?

**ANA ZANATTI** Tenho uma acentuada faceta solitária e introspetiva, reflexiva, que precisa de se expressar através da escrita, da pintura, colagens, etc. Desde os 11, 12, 13 anos que me lembro de mim a escrever na minha sala de estudo, em casa dos meus pais. Escrevia e lia mais do que estudava. O teatro e a televisão vieram durante anos afastar-me dessa atividade, embora nunca a deixasse completamente de lado. Mas não escrevia para publicar, só pensei nisso a partir de 1998 ou 1999.

**ULISBOA** O que gosta mais de escrever? O que é mais difícil de escrever?

**ANA ZANATTI** Gosto e preciso de escrever, ponto. Romances, contos, poemas que não publico. O mais difícil é escrever bem. Estou sempre a tentar fazer melhor. Um romance exige disponibilidade, obriga-me a parar com as outras atividades para me dedicar inteiramente. A escrita é recolhimento, não se compadece com a correria habitual dos meus dias. Para o fazer tenho mesmo de me retirar, e faço-o cada vez com mais frequência e crescente prazer.

**ULISBOA** Foi homenageada na 4.ª edição do festival de cinema «Books and Movies», em Alcobça. Literatura e cinema têm tido a mesma importância na sua formação?

**ANA ZANATTI** Enquanto leitora e espectadora, ambos têm sido importantes para a minha formação, para a minha aprendizagem, quer da vida, quer da escrita. Não sou saudosista, embora não esqueça as lições do passado para viver melhor o presente, mas tenho imensas saudades da minha adolescência apenas pela disponibilidade que tinha para ler. O tempo é um bem quase tão precioso como os amigos e a saúde. A falta de tempo, a pressão diária para que tudo continue a girar a mil à hora, a resposta a inúmeras solicitações, retira-me qualidade de vida, disponibilidade para os amigos, e contribui negativamente para o meu equilíbrio. É uma luta diária que tenho com esta questão.

**ULISBOA** Desempenhou o papel de primeira-ministra num filme de André Badalo com estreia marcada para Abril de 2018. Vê-se a ocupar algum cargo político?

**ANA ZANATTI** De todo. Tenho um estômago muito frágil...

**ULISBOA** Disse que a tinha dececionado o pouco que se caminhou em Portugal nos últimos 40 anos no campo da educação. A que se referia?

**ANA ZANATTI** Foi muito importante o maior acesso a escolas e universidades, mas foi-se verificando um fenómeno desastroso: a desautorização dos professores tanto por pais como por alunos. O desrespei-

to crescente pelo corpo docente tem sido prejudicial a quem ensina e a quem tem vontade de aprender. A língua portuguesa é hoje muito mal falada, e escrita ainda pior. Verifico que muitos alunos em via de ingressarem nas universidades, e alguns já universitários, carecem não só de cultura, mas de preparação em diversos campos. Há uma grande dificuldade em expor ideias e organizar o pensamento. A sociedade tem vindo a sofrer alterações profundas, e no campo da educação parece-me haver diversas lacunas. Não sei se por ausência de métodos mais eficazes e adaptados à realidade, se por ausência de disciplina, rigor, sentido ético, civismo e respeito, que a escola deve fomentar. A educação não implica apenas tirar um curso e vir para o mercado de trabalho, mas formar pessoas mais responsáveis e capazes, conscientes dos seus direitos e dos seus deveres. •



1968 Com Ribeirinho em *Cautela Libertino!*, de Pirandello, no Teatro da Trindade

1995 Com Virgílio Castelo em *O Ensaio*, de Jean Anouilh, no Teatro Aberto



© Duarte Pinheiro

**Ana Sofia Sampaio**  
é tradutora e trabalha no Ministério da Agricultura,  
Florestas e Desenvolvimento Rural.

# ANA SOFIA SAMPAIO

«HOJE, PENSA-SE QUE O TRABALHO É A ÚNICA COISA QUE NOS DEFINE. ACHO QUE TER LIBERDADE PARA PENSAR E PARA NÃO FAZER NADA É FUNDAMENTAL.»

**ULISBOA** Recebeu, em 2012, o Prémio de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa pela obra *O percurso desde A Estrutura*, de Thomas Khun, tendo sido já distinguida com menções honrosas desse prémio pela tradução das obras *Galileu*, *Cortesão*, de Mario Biagioli, e *Colapso*, *Ascensão e Queda das Sociedades*

*Humanas*, de Jared Diamond, em 2007 e 2009, respetivamente. Como começou a traduzir?

**ANA SAMPAIO** A tradução apareceu tarde no meu percurso algo errático. Comecei na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa; depois, fiz vários cursos, e percebi que me devia dedicar àquilo para

que parecia ter um talento mais natural: as línguas. Quando desisti de Matemática, tinha de fazer alguma coisa, e uma delas foi a minha primeira tradução, *Os Segredos do Gene*, de François Gros. Foi uma sugestão da minha mãe, que era escritora e também fazia traduções científicas e técnicas. Só mais tarde é que fiz formação na área. Fiz

muitas coisas para o Centro Cultural de Belém, para a Festa da Música, para revistas. É assim, na vida: as coisas vão aparecendo, e a sorte e o azar também têm influência. E tive sorte, porque apareceram propostas interessantes.

**ULISBOA** De que línguas traduz?

**ANA SAMPAIO** Do francês e do inglês. Faço muitas retroversões, porque é aquilo de que mais precisam aqui. Mas o que prefiro fazer são traduções.

**ULISBOA** Já viveu no estrangeiro?

**ANA SAMPAIO** Sim, nos Estados Unidos. Da primeira vez, em Nova Iorque e na Flórida; mais tarde, fiz uma viagem ao Alaska, e acabei por ficar em São Francisco por um ano, onde trabalhei num sítio muito engraçado, chamado Toy Boat Dessert Café. Isto, antes dos trinta.

**ULISBOA** Podia falar-nos um pouco daquilo a que chama o seu «percurso errático»?

**ANA SAMPAIO** Entrei no curso de Matemática na Faculdade de Ciências em 1976/77, no pós 25 de Abril. Foi uma época interessante, mas conturbada. O mundo académico era muito diferente, estávamos todos um pouco perdidos. A minha família foi sempre mais voltada para as Ciências; a minha mãe era de Farmácia, embora escrevesse, e o meu pai era engenheiro. Fui para Matemática sobretudo por causa da Mecânica Celeste e da Astronomia: na altura, havia uma especialização em Mecânica Celeste. Estive no curso até ao terceiro ano, para desespero da minha mãe, porque não cheguei a completar o bacharelato. [Risos] O ensino nessa altura não era muito entusiasmante – e eu não estava numa fase de me entusiasmar sozinha.

**ULISBOA** Fez os outros cursos também na Faculdade de Ciências?

**ANA SAMPAIO** Sim. Quando voltei para Portugal, após a minha segunda estadia nos Estados Unidos, fui para Engenharia Geográfica, mais uma vez atrás da Astronomia. Já não sei dizer porque é que saí de Engenharia Geográfica. Sei que aca-

bei por ir para Geologia tendo também isso em vista. Geologia até correu bem; havia professores interessantes, as notas eram boas. Mas...

**ULISBOA** Aborrece-se?

**ANA SAMPAIO** Com facilidade; nessa altura, aborrecia-me com mais facilidade ainda. Percebi também que não era uma cientista. É preciso um talento inato para a Matemática, mas, para se ser cientista, é preciso dedicação, perseverança, capacidade de concentração. Devia ter sido uma candidata ideal para um curso que só apareceu muito mais tarde, os Estudos Gerais. O ensino era muito estrito. Por exemplo, começar uma cadeira de Análise ou de Álgebra sem falar na história da Matemática e dos matemáticos foi, para mim, desmotivador. Quando fiz o curso de Tradução, no ISLA – Instituto Superior de Línguas e Administração de Lisboa, percebi que se calhar devia ter ido logo para Letras.

**ULISBOA** Em relação às pessoas de Letras, tem a vantagem de ter passado pelas Ciências.

**ANA SAMPAIO** É verdade. Os cursos não são forçosamente ferramentas para o trabalho; permitem dar ideias, métodos de trabalho, ler coisas que se calhar não leríamos. O que interessa num curso é obrigar as pessoas a pensar. Nisso, a escola parece-me deficiente. Não sou pedagoga, mas acho que a escola vai ter de se tornar mais entusiasmante para os miúdos, que são facilmente entusiasmáveis.

**ULISBOA** Nunca pensou em estudar no estrangeiro?

**ANA SAMPAIO** A questão não se pôs, porque implicava custos que, para mim, não eram possíveis. Desse ponto de vista, as coisas estão melhores; o Erasmus transformou a vida dos estudantes. Mais tarde, em 1993, acabei por fazer também Erasmus, na Universidade de Salford, em Manchester, a convite da direção do ISLA.

**ULISBOA** Há quanto tempo trabalha no Ministério?

**ANA SAMPAIO** Desde 1989. Comecei a trabalhar na gestão do Centro de Documentação que se estava a criar. Depois, fui desempenhando tarefas de tradução. Foi por isso que o meu diretor me sugeriu que tirasse o curso de Tradução; e acho que o acabei porque era eu a pagá-lo. [Risos] Não estou a culpar o sistema de ensino pelo meu percurso errático. Se calhar, sou pouco perseverante, e a perseverança é essencial; viver é ser perseverante.

**ULISBOA** Mas, para traduzir, coisa que faz e já fez muito, é preciso perseverança.

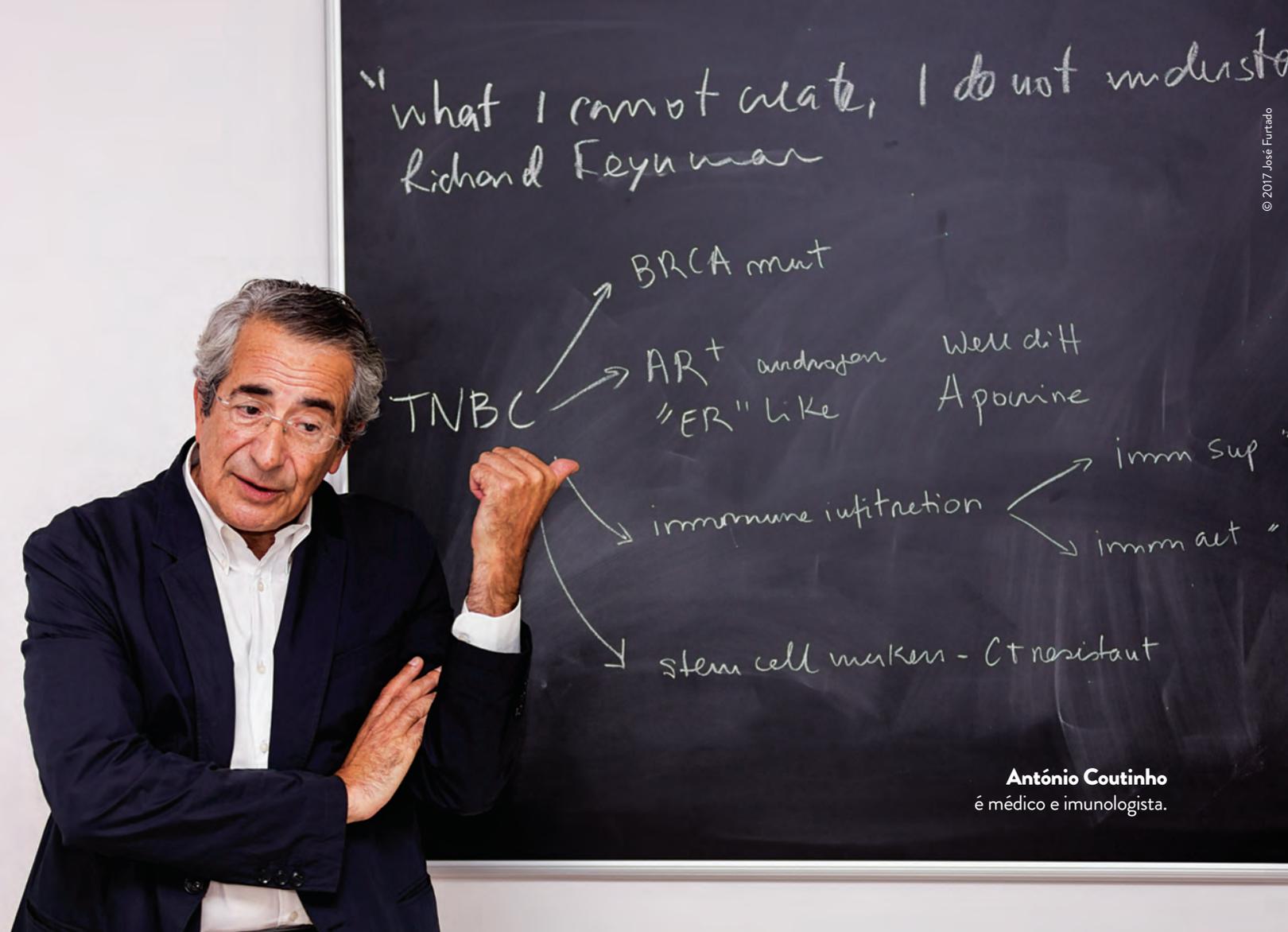
**ANA SAMPAIO** Claro que sim. Cumpro as tarefas que me dão com muita facilidade e entusiasmo, e gosto sempre do que faço. Aqui, fui fazendo várias coisas. No último ano, tenho estado ligada à publicação *Cultivar*, do Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral.

**ULISBOA** É a Ana que procura as traduções que vai fazendo fora do âmbito do Ministério?

**ANA SAMPAIO** Tenho a sorte de me caírem no colo projetos sempre interessantes e difíceis de recusar. Quando os meus filhos eram pequenos, era necessário fazer traduções para ter um rendimento mais estável; agora, já não é tão premente. Continua a ser um complemento de rendimento, mas faço-o mais por gosto.

**ULISBOA** O que gostaria mesmo de traduzir?

**ANA SAMPAIO** Só faço traduções técnicas. A literatura deve ser traduzida por escritores. Nunca sugeri nenhum dos livros que vão aparecendo. Tenho tido sorte, e tem sido um prazer traduzir. Mas trabalhar a tempo inteiro implica ter de fazer horas extraordinárias e, sobretudo, não ter fins de semana. Ao contrário de muita gente, eu não glorifico o trabalho. Hoje, pensa-se que o trabalho é a única coisa que nos define. Acho que ter liberdade para pensar e para não fazer nada é fundamental. O trabalho também é uma coisa boa, mas não o devíamos denegrir nem glorificar. •



# ANTÔNIO COUTINHO

«A EXPERIÊNCIA É TALVEZ O FATOR MAIS LIMITADOR DA CRIATIVIDADE.»

**ANTÔNIO COUTINHO** As pessoas da minha idade têm pouco a dizer. Somos uma sociedade gerontocrática, em que quem não tem futuro decide o futuro dos outros. Isso tem consequências e preocupa-me.

**ULISBOA** Por outro lado, os mais velhos têm a experiência que falta aos mais novos.

**ANTÔNIO COUTINHO** Têm a experiência, mas decidem em função dos últimos 50 anos da sua vida, que são muito diferentes dos próximos 20 anos da vida dos mais jovens.

**ULISBOA** Mas sabem coisas que nós não sabemos.

**ANTÔNIO COUTINHO** É verdade, mas às vezes o saber muita coisa pesa ainda

mais. A Europa está a cometer um erro tremendo. Para alguém se candidatar a uma bolsa de doutoramento, tem de fazer um projeto. Estando no começo, não tem capacidade para isso. Então, produz um projeto falso, que não é dele, mas do orientador. A Europa deixou de ter coisas novas na investigação.

**ULISBOA** Quando iniciou a sua carreira teve mais liberdade?

**ANTÔNIO COUTINHO** Tive toda a liberdade. Quando fui para o Instituto Karolinska fazer o doutoramento e perguntei ao meu chefe o que ia fazer, ele disse-me: «O que tu quiseres.» Quando estava no Instituto Pasteur, convidaram-me para dirigir o Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), e começámos um programa de doutoramento. Os alunos tinham um ano de *mise au point* em tudo o que há de importante na área escolhida. Não há *faculty*, todos os anos se escolhem pessoas novas para dar as aulas. As universidades não gostam de ouvir isto, mas a melhor *faculty* é não ter nenhuma. Depois desse ano, os alunos têm a obrigação de produzir um projeto. Nos Estados Unidos, os estudantes vão para um laboratório e não têm um tempo fixo para lá ficar, não têm obrigações a cumprir, como um dado número de artigos publicados. Alguns ficam lá sete ou oito anos, até fazerem alguma coisa que se veja, e que seja deles!

**ULISBOA** Há mais confiança nas pessoas: não dão frutos agora, mas virão a dar.

**ANTÔNIO COUTINHO** Claro! A experiência é talvez o fator mais limitador da criatividade. Estamos a perder em criatividade, se não deixarmos que os jovens tomem conta disto.

**ULISBOA** Em que área era o programa de doutoramento que criou no IGC?

**ANTÔNIO COUTINHO** Biologia e Medicina. Depois criámos outros: em Biologia Computacional, com o apoio da Siemens, e em Neurociências, com a Fundação Champalimaud. Eram ambos inéditos em Portugal. A Fundação Champalimaud começou no IGC, em 2006/2007, e mudou-se para as instalações em Belém em 2011.

**ULISBOA** O filósofo Ian Hacking escreveu que António Damásio teve um «*excellent training*» na Faculdade de Medicina de Lisboa. Concorda?

**ANTÔNIO COUTINHO** É uma opinião. Se penso nos meus anos de estudante,

acho que o ensino da Medicina está muito melhor. O Damásio teve uma formação tão boa ou melhor do que a minha. Tivemos uma formação sólida, pela mão de figuras tutelares. O que não há agora é um conjunto de personalidades excecionais como o João Cid dos Santos, Arsénio Cordeiro, Ducla Soares, o próprio Fernando de Pádua, mais jovem do que os outros. O Prof. Barbosa Soeiro, de Anatomia. Grandes senhores, que ensinavam muito pelo exemplo e atitude em relação à vida. Foi uma época que passou de moda.

**ULISBOA** De que modo?

**ANTÔNIO COUTINHO** A Medicina deixou de ter a parte sociocultural, os médicos tornaram-se engenheiros do corpo.

**ULISBOA** Disse que a Medicina precisa de mais ciência, especialmente ao nível da Biologia Evolutiva.

**ANTÔNIO COUTINHO** Continuo a pensar isso. A Medicina evoluiu na capacidade de ter muitos dados de observação, tratar esses dados, e ter protocolos estabelecidos. O médico tem pouca capacidade de decidir, há um protocolo indicado para cada doente. A maior parte dos médicos não faz as perguntas certas sobre os mecanismos da doença. O cientista não sabe o problema da doença, está a estudar a biologia fundamental; o médico conhece bem o fenótipo da doença, mas não pergunta por que aparece aquela doença naquele doente. Em 50 anos, nada evoluiu. Um problema grave dos cursos de Medicina é a preocupação com a aquisição de conhecimento já existente, não com a sua produção. Continuamos sem saber como educar os especialistas.

**ULISBOA** Quando escolheu o curso de Medicina queria ser médico?

**ANTÔNIO COUTINHO** Queria. E gostei muito de ser médico.

**ULISBOA** Mas enveredou pela investigação.

**ANTÔNIO COUTINHO** Por várias razões. Era altura de ir embora daqui, senão ia para a tropa. A Guerra Colonial não fazia sentido para mim. Estudar Medicina sete

ou oito anos, fazer internato, para depois ir andar aos tiros às pessoas não era a minha ideia. Fui para a Suécia e, como não falava sueco no início, não podia ser médico. Não me custou deixar de ser médico, porque foi como uma paixão: quando se tem uma nova, esquece-se a antiga. A nova foi a ciência. Muitas vezes pensei em fazer uma investigação mais próxima da clínica, o que acabei por realizar aqui na Fundação Champalimaud. Discuto com os médicos, vou às reuniões multidisciplinares, sobretudo para fazer perguntas. Aqui todas as decisões de diagnóstico e terapêutica são tomadas em grupo. Aprende-se muito. Continuo a gostar muito da Medicina. Fiz o internato no Hospital de Santa Maria, num serviço que tinha muitos doentes de hematologia. Perdíamos 95% das crianças com leucemia; hoje em dia salvamos 90%. É um progresso enorme! Sempre achei que a Medicina é uma coisa muito digna, quando é feita com paixão, quando é mais humanizada do que por vezes vemos. Agora uso os hospitais, e tenho ficado bem impressionado. Em muitas coisas, o Serviço Nacional de Saúde está muito bem.

**ULISBOA** O que o levou a enveredar por Imunologia?

**ANTÔNIO COUTINHO** Era uma disciplina a começar; eu só conhecia três imunologistas em Portugal: o Machado Caetano, assistente do Prof. Ducla Soares; o Prof. Arala Chaves, que veio a ser catedrático de Imunologia no Abel Salazar; e Gabriel Virella, investigador do IGC. Eu estava no serviço do Ducla Soares, e o Machado Caetano, que fizera um estágio em França, falava muito de Imunologia. Tinha uma capacidade extraordinária para entusiasmar os mais novos. Depois de me formar, comecei a trabalhar no Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, onde estava o Machado Caetano, que tinha aí um laboratório de Imunologia; foi magnífico, juntei o útil ao agradável. Comecei a ler e a ouvir pessoas importantes da área – tive a sorte



«Um problema grave dos cursos de Medicina é a preocupação com a aquisição de conhecimento já existente, não com a sua produção. Continuamos sem saber como educar os especialistas.»

de trabalhar com uma delas, com quem me doutorei: Goran Möller, pouco mais velho do que eu, uma pessoa muito criativa. A Imunologia é muito atraente; a evolução é a base de tudo. Na frase de um famoso evolucionista, Theodosius Dobzhansky: «Nothing makes sense in biology except in the light of evolution» – e é verdade. A evolução assenta em diversidade e seleção. A Imunologia é isso, aplicando-se não ao tempo evolutivo, de milhões de anos, mas ao tempo somático de cada um de nós.

**ULISBOA** Ao comentar a polémica em torno das vacinas, disse que vivemos numa época irracional.

**ANTÓNIO COUTINHO** Há uma antirracionalidade em expansão. Os cientistas têm culpa, porque, por todo o mundo, faz-se a divulgação e a extensão da ciência à sociedade, mas o que se procura é transmitir os conteúdos, não os processos: não se transmite a base de tudo, que é a racionalidade. Outra dominante da sociedade atual, a política, também pouco tem de racionalidade.

**ULISBOA** Em relação à política, num artigo recente defendeu um sistema democrático, à semelhança dos programas doutorais, também sem *faculty*.

**ANTÓNIO COUTINHO** Sem políticos profissionais. Gostava que os partidos políticos tivessem uma função nobre na sociedade; é bom ter diversidade de ideias, mas eles perderam isso, passaram a ser máquinas de caça ao voto. Seria melhor voltar às raízes da democracia ateniense, e tirar os governantes à sorte. Nunca funcionará, como é evidente, mas é uma coisa bonita para se conversar e se explicar aos netos.

**ULISBOA** Como é trabalhar com o James Watson, do Conselho Científico da Fundação Champalimaud?

**ANTÓNIO COUTINHO** Nunca trabalhei diretamente com ele. A pessoa que fez a estrutura do ADN com ele, o Francis Crick, parecia-me mais interessante. E, sobretudo, uma outra que trabalhou com o Crick, o Sydney Brenner. Com esse, sim, trabalhei muito.

**ULISBOA** Deve ter muitas histórias interessantes.

**ANTÓNIO COUTINHO** Tenho milhares, principalmente do meu mestre, o Möller. Um exemplo: eu lia muito de Medicina, mas não estava habituado a ver todos os dias uma pilha de artigos novos. Fui ter com ele e perguntei-lhe: «Mas o que é

que eu leio?» Deu-me uma folha com meia dúzia de nomes, e disse-me: «Lê tudo o que estes publicaram.» Perguntei: «E o resto?» E ele: «O que te interessar.» Depois tirou outra folha cheia de nomes, e disse: «Mas nunca leias nada destes.» [Risos] Uma das pessoas, se não a pessoa, que mais respeitei na vida chamava-se Charlie Steinberg. Foi a primeira pessoa que o Niels Jerne recrutou para o Instituto Imunológico de Basileia. Tinha umas barbas longas e não fazia nada. Estava sempre sentado na cafeteria e íamos lá trocar dúvidas com ele. De todas as ideias que lhe apresentávamos, dizia: «*Rubbish!*» O Richard Feynman dizia que tudo o que sabia de Biologia tinha sido o Steinberg a ensinar-lhe. Entretanto, o Charlie foi para um instituto nos Estados Unidos, onde um dia deparou com o alvo-roço de uma visita do Feynman, já famoso na altura. O diretor perguntou ao Feynman a que devia a honra da sua visita, e este respondeu: «Venho só falar com o Charlie!» E o diretor: «Mas quem é o Charlie?» O Feynman responde: «O homem mais inteligente que conheço!» O diretor diz: «Mais do que você?» [Risos] São estas as histórias que vale a pena contar. •